



## MESSIANISMO EM FREI LUÍS DE SOUSA: MITO OU PREDESTINAÇÃO?

Maria de Lourdes Gaspar Tavares<sup>1</sup>

### PORTUGAL E A CONCEPÇÃO DE RELIGIÃO

Como se sabe, Portugal é caracterizado por sua intensa tradição religiosa. Esta é a marca de toda a sua história, desde tempos distantes quando, sob a bandeira da cristandade, a presença da realeza comandou em nome das conquistas para “as searas da igreja” todos os atos dessa nação que foi uma das primeiras no serviço de Cristo. Acima de tudo, estava Cristo; abaixo deste, havia apenas o Rei, ordenando aos Cavaleiros da Terra o desenho de sua faixa territorial e marítima; nesse sentido, de toda dor e de todo medo, estava Portugal entregue à sua missão apostólica.

Como peças de um jogo de xadrez, o povo dessa nação foi manipulado através dos séculos por forças cristãs e resultou numa massa de gente passiva, habituada a sujeitar seus desígnios de baluartes da integridade e da pureza.

Para aquela gente, todo o seu destino tinha como objetivo apurar a alma; assim sendo, os portugueses viviam em religiosa exaltação, e aqueles que partiam para as guerras e além-mar retiravam-se como fossem para uma festa, desprendidos dos bens terrenos, na sua total obediência ao apelo divino.

Fizeram o povo português acreditar que o sangue derramado, se do infiel, purificava o mundo; do herói, abria os trilhos da redenção humana. A morte era o maior e melhor de

---

<sup>1</sup> Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil(2004). Coordenação da Faculdade de São Vicente , Brasil



todos os prêmios. Dessa forma, religiosamente, os portugueses consagraram-se inteiramente a Cristo, à imitação de seu exemplo, à Vida Eterna. Tal consagração é explicada, na medida em que, para esse povo, privações, sofrimentos ou temores eram-lhe indiferentes; ao contrário, quanto mais dor, mais amor.

Nesse sentido, a ambição maior do povo português eram as amargas provas necessárias para conquistar o Reino do Céu. A promessa da conversão, pelo sofrimento, em irmão do crucificado era a certeza profunda que os portugueses precisavam para poder suportar impunidades, desrespeitos e desprezos de toda ordem por parte de “El-Rei”.

A epopéia portuguesa, portanto, se inscreve na História, por meio do religioso, trazendo no bojo a passividade de um povo diante de sua mutilação, diante de sua miséria, corroborando, dessa forma, a prática social do discurso religioso da época, ou seja, a morte dos infiéis e dos pagãos ou a conversão deles.

Assim sendo, a prática discursiva da época dos descobrimentos, legitimada pelo poder da Igreja, justifica as ações de domínio, durante os Descobrimentos de Portugal.

#### **D. SEBASTIÃO, O REI INSEPULTO**

D. Sebastião, coroado rei de Portugal aos três anos de idade, ascendeu ao trono em 1568, com 14 anos. Educado rigidamente pelos jesuítas, demonstra desde a tenra idade inclinação para as artes da guerra. Vencer os muçulmanos é seu o objetivo e, com isso, glorificar o cristianismo.

Em 1578, novamente, em nome de Cristo, uma guerra principia: sob a aspiração do monarca, 15 mil homens desembarcam em litoral marroquino para lutar e vencer àqueles indignos de Deus; todavia, durante a batalha de Alcácer-Quibir, D. Sebastião desaparece misteriosamente. A partir disso, nasce o sebastianismo, ou seja, o rei não teria morrido e voltaria para libertar Portugal do domínio Espanhol. Tal mito sobreviveu por três séculos como símbolo do nacionalismo português.

O fato de D. Sebastião não ter herdeiros, facilitou a anexação de Portugal pela Espanha, em 1580. Durante sessenta anos, o jugo espanhol amparou o sonho dos portugueses à espera do encoberto para libertar Portugal e dar-lhes a liberdade; inclusive, entre os anos 84 e 98 daquele século, alguns impostores foram executados por se fazerem passar pelo lendário governante.

Amalgamado pela credence religiosa, pelos vaticínios e presságios divinos, o sebastianismo, forma particular do messianismo português, difundiu no imaginário o último presente da caixa de Pandora, a esperança. O Salvador regressaria não só para impor uma nova ordem política e social, mas, sobretudo, ao ocupar seu trono por direito divino, fundaria um império universal, sob a égide portuguesa.

A partir do final do século XVI, como não poderia deixar de ser, interesses políticos absorvem a crença mítica popular, dando-lhe um cunho adverso e paradoxal; assim sendo, se, por um lado, o sebastianismo serve aos aristocratas e aos plebeus, aos liberais e absolutistas, aos monarquistas e republicanos, aos futuristas, saudosistas e reacionários; por outro, é perseguido pela inquisição e pela ordem pombalina.

## O SEBASTIANISMO EM VERSOS E PROSA

A literatura portuguesa denuncia, ao longo dos séculos, o tratamento dado ao sebastianismo. Ainda no século XVI, anterior ao desaparecimento de D. Sebastião, as trovas proféticas de Gonçalo Anes Bandarra, disseminadas pelos cristãos-novos, ocuparam um lugar central no messianismo português. Bandarra, no entanto, além de ter sua obra proibida, foi condenado pela inquisição, por suspeita de judaísmo. No final daquele século, um quinto da população portuguesa era composta de cristãos-novos e judeus, os quais esperavam também pelo rei “encoberto” messiânico.

Padre Antonio Vieira também foi acusado de herege por defender sua teoria, segundo a qual Portugal estaria predestinado a liderar o quinto império.

Almeida Garrett, consolidador do teatro nacional português, publica em 1844 sua obra-prima *Frei Luís de Sousa*, considerada pelo crítico alemão Otto Antscherl como a “obra mais brilhante que o teatro romântico produziu.” Ambientada no século XVII, com forte apelo nacionalista, retoma situações ligadas à batalha de Alcácer-Quibir e ao mito de D. Sebastião.

Possivelmente, inspirado na vida do sacerdote e escritor português Manuel de Sousa Coutinho, cujo nome eclesiástico Frei Luís de Sousa batiza a peça, Garrett inscreve a narrativa a partir do desaparecimento de D. Sebastião e, a seguir, o drama arrola as consequências fatídicas.

Segundo a obra, D. Sebastião levou para a trágica batalha, além do exército, membros da realeza portuguesa; dentre eles, D. João de Portugal, marido de Madalena de Vilhena. Esta o aguarda durante sete anos; depois de longa espera, casa-se com Manuel de Sousa Coutinho;

No excerto abaixo, comprova-se o longo sofrimento da personagem pela perda e a busca em vão pelo nobre desaparecido:

D. João ficou naquela batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos da sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves aí houve.....aos padres da Redenção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, , pôr em dúvida ao menos aquela notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha...Tudo inútil; e a ninguém mais ficou resto de dúvida”

Entretanto, a incerteza de o primeiro marido ter realmente perecido a angustiava. As dúvidas eram sustentadas por Telmo Paes, o fiel escudeiro de D. João. Depois de vinte anos de ausência, confirma-se o pressentimento de Madalena: D. João retorna a Portugal. A revelação, no clímax da peça, desespera as personagens. No trágico epílogo, Manuel Coutinho e Madalena, expiando-se de suas culpas, vestem o hábito religioso; a filha do casal, Maria de Noronha, no funesto ritual, desonrada, fenece aos pés dos pais.

## O MESSIANISMO DESVELADO NAS PERSONAGENS

D. Madalena de Vilhena, atormentada pelo passado, não vive o presente, pois se acredita pecadora por não esperar, até o fim de seus dias, o retorno do marido. Assim sendo, não luta por nenhum ideal, questiona os fatos, mas não reage diante deles. Aceita a marca de seu destino, ou seja, a fatalidade. Ressaltam-se, entre outros, os excertos abaixo: a obra se inicia já com os lamentos de Madalena:

Oh! Que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! Que amor, que felicidade... que desgraça a minha.

...contudo as vossas palavras metem-me medo... Não me façais mais desgraçada.

Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebatas. Que fará tu contra esses poderosos? Eles já te querem tão mal pelo mais que tu vales que eles, pelo teu saber, que esses grandes fingem que desprezam, o que eles têm é inveja! O que fará, se lhes deres pretexto para se vingarem da afronta que os traz a superioridade do teu mérito! Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

Verifica-se no excerto a seguir a remissão ao sebastianismo:

mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões frequentes a esse desgraçado D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não acredita que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade, - esses contínuos agouros, em que andas sempre, de uma desgraça que está iminente sobre a nossa família ...

Poder-se-ia dizer que tal personagem retrata o castigo àqueles que aceitaram a subjugação do domínio espanhol, por contrariarem o desígnio do Prometido, ou seja, o regresso de D. Sebastião, uma vez que se tratava da encarnação da palavra de Deus. Na voz de Madalena, o excerto a seguir reitera a afirmação:

Oh, perdoa, perdoa-me, não me sai esta idéia da cabeça... que vou achar ali a sombra despeitosa de D. João, que me está ameaçando com uma espada de dous gumes...que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre.

Manuel de Sousa Coutinho, 2º marido de D. Madalena, inicialmente racional, equilibrado e sereno, como se comprova nos excertos:

Oh, que gente, que fidalgos portugueses. Hei-de-lhes dar uma lição a eles e a este escravo deste povo que os sofre, como não levam tiranos há muito tempo nesta terra

... vou dar uma lição aos nossos tiranos que lhes há-de lembrar, vou dar um exemplo a este povo que os há-de alumiar...

Jorge, acompanha estas damas... Telmo, ide, ide com elas. Partiu já tudo, as arcas, os meus cavalos, armas e tudo o mais?

Torna-se violento, contraditório, revoltado, extremista:

Tenho que não hei-de sofrer esta afronta... e que é preciso sair desta casa, senhora.

Ao pôr fogo no palácio, comprova-se a atitude de revolta extrema:

Meu pai morreu desastrosamente caindo sobre a sua própria espada. Quem sabe se eu morrerei nas chamas ateadas por minhas mãos? Seja.

...como é esta vida miserável que um sopro pode apagar em menos tempo ainda.

Em sua personagem, o sebastianismo, implicitamente, está na marca nacionalista, que nela se insere a partir da defesa dos valores nacionalistas.

– Há-de-saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.

Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir, em perdendo o amor a coisas tão vis e precárias como são esses haveres que duas faíscas destroem num momento.

Verifica-se na personagem o ideal, o culto pela honra, pelo dever, pela nobreza de ações, características do apego da personagem às tradições, ao nacionalismo, à fé cristã, aos valores católicos:



Eu estimei e respeitei sempre a S. João de Portugal; honro a sua memória, por ti, por ele e por mim; e não tenho na consciência por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos que o cobriram.

eu não tenho ciúmes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Madalena...

Não há senão um temor justo, Madalena: é o temor de Deus...

Assim sendo, Manuel de Sousa Coutinho imprime, em sua constituição, o desejo do povo português de baluartes da integridade e da pureza.

para os que andam diante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes atrevam.

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena, desaparecido na Batalha, é o representante da época de ouro de Portugal. Metaforicamente, é a imagem da Pátria cativa; liga-se à lenda de D. Sebastião.

Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito, do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Que é do romance que me prometestes... o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir, um dia de névoa muito cerrada....que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

D. João, personagem dupla, por um lado, é abstrata, pois não participa do conflito diretamente; por outro, é concreta, mesmo ausente desencadeia as cenas dramáticas da peça. A evocação à personagem emerge ao longo da peça. Destacam-se entre outras:

- por Madalena:

Depois que fiquei só, depois daquela funesta jornada da África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém...

Não crês, mas achas não sei que dolorosos prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, vê: se um terror semelhante chega a entrar naquela alma, quem lho há-de tirar nunca mais?

- por Telmo:

às palavras, as formais palavras daquela carta, escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge, que vo-la trouxe. – “Vivo ou morto” – rezava ela – vivo ou morto...

- por Maria:

não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de tais histórias, nem de coisa nenhuma dessas.

- por Manuel:

Rezaremos por alma de D. João de Portugal... aquela alma santa que está no céu, e que em tão santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou mártir às mãos dos infiéis...

Todavia, paradoxalmente, ao se concretizar, a força energética da personagem esvaece-se: ao final da peça, não há compaixão pelo marido ultrajado, mas sim pelas outras personagens trágicas. D. João simboliza, portanto, a força do Destino, o Fado, cujos desígnios levam para o rio da fatalidade e da tragédia as demais personagens.

D. Maria de Noronha, filha única dos Vilhenas e Sosas, apesar do precoce desenvolvimento psicológico e intelectual, sofre de tuberculose; dotada de intuição e dons proféticos, de certa forma, mantém o sofrimento da mãe ao se remeter constantemente ao passado.

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma cousa há-de ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirando o meu bom Telmo, ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião...

...em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião...ninguém tal há-de dizer, mas põe-se logo outro, muda o semblante, fica pensativo e carrancudo...

Não é isso, não é isso; é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio! ...e nas estrelas do céu também, e sei cousas...

Maria, marcada pelo Destino, atingida pela fatalidade, morre aos pés dos pais ao constatar-se desonrada:

é aquela voz, é ele, é ele! Já não é tempo... Minha mãe, meu pai, cobri-me bem estas faces, que eu morro de vergonha... morro, morro...de vergonha.



Telmo Pais, personagem ambígua, é escudeiro e confidente de D. Madalena; seus comentários alimentam os terrores dela:

Senhora... senhora D. Madalena, minha ama, minha senhora...castigai-me...mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta língua perra que não toma ensino...oh! senhora, senhora!

Desgraçada! Por quê? Não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quiseste mais sobre todos? Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tiveste, como tão nobre e honrada senhora que sois...mas amor!

O conflito interno de Telmo transita entre o passado: a fidelidade incontestável a D João de Portugal; a crença inegável ao retorno de seu amo:

Não me esqueceu uma letra daquelas palavras... “vivo ou morto”... Não era assim que dizia?

Vivo não veio... inda mal! E morto... a sua alma, a sua figura...

e o presente: a ternura, a fidelidade à Maria, amor que sente pela personagem como se fosse pai:

Um anjo como aquele... uma viveza, um espírito! E então que coração!

Não é possível, mas eu hei-de salvar o meu anjo do céu.

Entretanto, Telmo depara-se com a verdade fatídica: ama muito mais à Maria do que ao senhor rei, que, por tantos anos idolatrou. Diante disso, desespera-se:

Virou-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um pressentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de suceder... e cuidei que o desejava enquanto não veio.

Veio e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguém. Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor, está vivo... o filho que eu criei nestes braços...

Vou saber novas certas dele, no fim de vinte anos de o julgarem todos perdido; e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda... era um milagre que eu esperava sem o crer! Eu agora tremo...

É que o amor destrouta filha, desta última filha, é maior e venceu... venceu...apagou o outro...Perdoai-me, Deus, se é pecado. Mas que pecado há-de haver com aquele anjo?



Se ela me viverá, se escapará desta crise terrível? Meu Deus, meu Deus, levei o velho que já não presta para nada, levei-o, por quem sois!

Contentai-vos com este pobre sacrifício da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o inocentinho que eu criei para vós, Senhor para vós...

## DA FICÇÃO PARA O REAL

Como se viu, a derrota portuguesa frente aos mouros, em 4 de agosto de 1578, inicia um dos períodos mais tensos e dramáticos da história de Portugal. Subjugados à Espanha, a massa de um povo assujeitado alimentou a crença do rei salvador, minimizando, dessa forma, as dores; cicatrizando as feridas, redimindo os pecados.

D. Sebastião, contrariando a lenda, teve morte triste e inglória. Seu corpo esfacelado, carregado como um troféu, foi mandado embalsamar. Anos depois, Felipe da Espanha pagou o resgate pelos restos mortais.

A vergonha do povo, a esperança, a fé incomensurável no messianismo deixaram uma certeza para a história portuguesa, quiçá para a brasileira também: ninguém jamais foi tão desejado e tão esperado como D. Sebastião.

## REFERÊNCIAS

AMEAL, J. **História de Portugal. Das origens até 1940**. 6. ed. Porto: LivrariaTavares Martins, 1968.

AMORA, Antonio Soares. **Presença da literatura portuguesa**. São Paulo, Difel, 2008.

CASTRO, Francisco Lyon de. **História da literatura portuguesa**. Lisboa: Publicações Alfa, 2003.



GARRET, A. **Frei Luis de Sousa**. Coleção Clássicos da Literatura. Biblioteca digital: Porto Editora

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

TAVARES, M.L.G. **O papel da intertextualidade no poema "Dual "de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Dissertação de mestrado. SP: PUC, 1999.

### **Maria de Lourdes Gaspar Tavares**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2004). Coordenação da Faculdade de São Vicente, Brasil

**Artigo Recebido em 15/12/2010**

**Aceito para publicação em 20/12/2010**

Para citar este trabalho:

TAVARES, Maria de Lourdes Gaspar. **Messianismo em Frei Luís de Sousa: Mito uu Predestinação?**. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, Número 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.